

**A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM REALIDADES DA EDUCAÇÃO E SAÚDE: REFLEXÕES SOBRE PESQUISAS QUALITATIVAS**

***CARTOGRAPHY AS A RESEARCH AND INTERVENTION METHOD IN EDUCATION AND HEALTH REALITIES: REFLECTIONS ON QUALITATIVE RESEARCH***

***CARTOGRAFÍA COMO MÉTODO DE INVESTIGACIÓN E INTERVENCIÓN EN EDUCACIÓN Y REALIDADES DE SALUD: REFLEXIONES SOBRE LA INVESTIGACIÓN CUALITATIVA***

*Cristina Miyuki Hashizume*  
cristina.mhashizume@gmail.com  
UMESP

**RESUMO**

O cuidado em saúde se configura como 'processo' dinâmico, nos quais profissionais e usuários são atravessados por determinantes externos que influenciam suas ações. A partir de uma compreensão epistêmica da cartografia discutiremos linhas de compreensão sobre o fenômeno saúde/educação, destacando os processos de subjetivação dos indivíduos, as linhas duras, flexíveis e linhas de fuga como possibilidades de compreensão da realidade. Articulando os autores Foucault, Deleuze, Guattari e Baremlitt, este ensaio se propõe a compreender o processo de produção e reprodução da vida, como se dá o modo de constituição da educação e saúde em relação à configuração do Estado e dos modos de governar no capitalismo, incluindo a regulação sobre o corpo coletivo, social e sobre os corpos dos indivíduos que se fez (e faz), entre outros, por meio da medicalização das sociedades e da população. Nosso objetivo é refletir sobre a compreensão na pesquisa cartográfica e seu território de atuação, aplicando, especificamente nos grupos para discutir a implementação de classes hospitalares, dificuldades, avaliação dos programas de formação e autopercepção desses profissionais sobre sua atuação. Nossa pesquisa cartográfica reconhece a importância da formação em trabalho para profissionais de formação técnica, acreditando nesse espaço de construção de conhecimento efetivo como importante para a tomada de decisões estratégicas pela gestão pública em saúde.

245

Ao reconhecermos a compreensão como uma metodologia de acesso à realidade e ao ideário sobre o tema, cartografamos movimentos titubeantes, ancorados em representações sobre a realidade, contextos sócio-políticos e relações de saber e poder nas instituições estudadas.

**Palavras-chave:** compreensão; cartografia; pesquisa em saúde; subjetividade.

## ABSTRACT

Health care is configured as a dynamic 'process', in which professionals and users are crossed by external determinants that influence their actions. From an epistemic understanding of cartography, we will discuss lines of understanding about the health / education phenomenon, highlighting the subjectivation processes of individuals, the hard, flexible lines and lines of flight as possibilities for understanding reality. Articulating the authors Foucault, Deleuze, Guattari and Baremlitt, this essay aims to understand the process of production and reproduction of life, how education and health are constituted in relation to the configuration of the State and the ways of governing in capitalism, including the regulation of the collective, social body and the bodies of individuals that was made (and does), among others, through the medicalization of societies and the population. Our goal is to reflect on the understanding of cartographic research and its territory of operation, applying it specifically to groups to discuss the implementation of hospital classes, difficulties, evaluation of training programs and self-perception of these professionals about their performance. Our cartographic research recognizes the importance of on-the-job training for technical training professionals, believing in this space for building effective knowledge as important for making strategic decisions by public health management. By recognizing understanding as a methodology for accessing reality and ideas on the topic, we map faltering movements, anchored in representations about reality, socio-political contexts and relations of knowledge and power in the institutions studied.

**Keywords:** understanding; cartography; health research; subjectivity.

## RESUMEN

La atención médica se configura como un "proceso" dinámico, en el que profesionales y usuarios se cruzan con determinantes externos que influyen en sus acciones. A partir de una comprensión epistémica de la cartografía, discutiremos líneas de comprensión sobre el fenómeno de la salud / educación, destacando los procesos de subjetivación de los individuos, las líneas duras y flexibles y las líneas de vuelo como posibilidades para comprender la realidad. Articulando a los autores Foucault, Deleuze, Guattari y Barembritt, este ensayo tiene como objetivo comprender el proceso de producción y reproducción de la vida, cómo se constituyen la educación y la salud en relación con la configuración del Estado y las formas de gobernar en el capitalismo. , incluida la regulación del cuerpo colectivo, social y los cuerpos de los individuos que se hizo (y lo hace), entre otros, a través de la medicalización de las sociedades y la población. Nuestro objetivo es reflexionar sobre la comprensión de la investigación cartográfica y su territorio de operación, aplicándola específicamente a grupos para discutir la implementación de clases hospitalarias, dificultades, evaluación de programas de capacitación y autopercepción de estos profesionales sobre su desempeño. Nuestra investigación cartográfica reconoce la importancia de la capacitación en el trabajo para los profesionales de capacitación técnica, creyendo en este espacio para construir un conocimiento efectivo tan importante como para tomar decisiones estratégicas por parte de la administración de salud pública. Al reconocer la comprensión como una metodología para acceder a la realidad y las ideas sobre el tema, mapeamos movimientos vacilantes, anclados en representaciones sobre la realidad, contextos sociopolíticos y relaciones de conocimiento y poder en las instituciones estudiadas.

**Palabras Clave:** comprensión; cartografía investigación en salud; subjetividad

## INTRODUÇÃO

A micropolítica do processo de trabalho em saúde, especialmente nos cenários de produção do cuidado, reconceitualiza a ideia de trabalho em redes dentro de uma organização (CUNHA, 2010). Entendemos as instituições como sistemas abertos de conexão que se entrelaçam no meio social através de agenciamentos diversos, constituindo as formações relacionais sobre as quais vai-se construindo o *socius*, o meio social em que cada um se insere, sem que haja

247

um eixo central estruturado sobre o qual se organiza. Tal conformação se produz a partir de múltiplas conexões, que criam linhas de contato entre agentes sociais que são a fonte de produção da realidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

O cuidado em saúde se configura como 'processo' dinâmico, no qual profissionais e usuários são atravessados por determinantes externos que influenciam suas ações. A partir de uma compreensão epistêmica da cartografia discutiremos linhas de compreensão sobre o fenômeno saúde/educação, interprofissionalidade, instituições e relações de poder decorrentes das relações, destacando os processos de subjetivação dos indivíduos, as linhas duras, flexíveis e linhas de fuga como possibilidades de compreensão da realidade.

O presente ensaio se organiza primeiramente, apresentando o referencial da micropolítica da saúde, que considera autores da complexidade e seu olhar para a pesquisa intersetorial, interdisciplinar e interventiva, acompanhando o movimento do grupo, seus avanços, retrocessos e possibilidades de discussão para além da implementação técnica do serviço. A seguir, apresentaremos o método cartográfico e a sua aderência ao se pensar o atendimento de saúde no contexto de implementação de classes escolares nos hospitais, após legislação que obriga todo hospital público a oferecer educação às crianças hospitalizadas em longa permanência. Por fim, refletiremos sobre o referencial teórico e a pesquisa cartográfica-interventiva como possibilidade de se compreender os resultados da pesquisa em Educação e Saúde, permitindo análises complexas e inovadoras sobre a pesquisa humanizada, integral e comprometida com a mudança social dos indivíduos envolvidos.

## **O REFERENCIAL TEÓRICO E O MÉTODO DO COMPREENDER: Esquizoanálise e micropolítica**

Feuerwerker (2014) aborda o processo de trabalho em saúde, no referencial da micropolítica, analisando o trabalho de pesquisa em saúde como trabalho vivo, revelando um mundo dinâmico e criativo, mas não rigidamente estruturado, percebidos nas linhas de compreensão sobre o fenômeno saúde/educação, destacando os processos de subjetivação dos indivíduos, sendo as linhas duras, flexíveis e linhas de fuga utilizadas como possibilidades de compreensão da realidade.

O trabalho vivo, como meio formador de fluxos-conectivos, apresenta uma cartografia no interior dos processos de trabalho como o desenho de um mapa aberto, com conexões, que transitam por territórios diversos, assume características de multiplicidade e heterogeneidade, sendo capaz de operar em alto grau de criatividade. Este sofre processo de captura das normas que hegemonomizam o funcionamento da classe hospitalar no serviço de saúde, mas, ao mesmo tempo, expõe sua capacidade rizomática de abrir linhas de fuga e trabalhar com lógicas muito próprias, que pertencem ao sujeito que opera este sistema, buscando por novos territórios de significações, que dão sentido ao trabalho. Cabe ressaltar que a organização do Sistema Único de Saúde (SUS) é permeada por diretrizes normativa, principalmente quando opera sob a lógica das ações programáticas e determina horários específicos para atender certo tipo de clientela, protocolos, a disponibilidade de certos procedimentos, além de procedimentos burocráticos instituídos que devem ser seguidos, antes de se pensar no trabalho técnico em si. Isso pode ocasionar dificuldades aos trabalhadores, que veem o objetivo de produzir o cuidado como aprisionado, impedindo o trabalho vivo e o estabelecimento de relações positivas (FEUERWEKER, 2014). Por outro

lado, ao supor que o trabalho vivo, em seu ato, é auto governável, é possível acessar linhas de fuga em que possa se realizar com maior grau de liberdade, em sua criatividade. Assim, quando os trabalhadores desejam, fazem e operam nas suas relações outros fluxos de conexão com suas equipes e principalmente com os usuários. Nesses casos, o cuidado vai se produzir na rede que se formou e não na estrutura que permanece rígida, submetida à normatização. Nos hospitais há uma multiplicidade de redes operando em conexões entre si, em sentidos múltiplos, construindo linhas de produção do cuidado. Nesse emaranhado vamos percebendo que a cartografia do trabalho vivo é composta por muitas linhas em conexão, que se abrem em múltiplas direções. E isso dá uma extraordinária característica, que embora difícil de controlar, é revolucionária e potencialmente instituinte (FRANCO, 2003).

Assim, pretendemos refletir sobre a compreensão na pesquisa cartográfica e seu território de atuação, nos grupos para discutir a implementação de classes hospitalares. Priorizaremos, no trabalho da pesquisa intervenção, as dificuldades, avaliação dos programas de formação e autopercepção desses profissionais sobre sua atuação na implementação do serviço. Reconhecemos a importância da formação em trabalho para profissionais de formação técnica, acreditando nesse espaço de construção de conhecimento efetivo como importante para a tomada de decisões estratégicas pela gestão pública em saúde.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO: A compreensão a partir da pesquisa cartográfica**

A partir da indagação: Como encontrar um método de investigação que expresse o processo que está em andamento? Como não limitar nossa investigação aos produtos desse processo? Tivemos contato com a cartografia:

250

método que alia o propósito da pesquisa-intervenção, uma visão de ciência que abandona preceitos mais tradicionais de ciência e de neutralidade para abordarmos nossos objetos de estudo (no nosso caso, sujeitos de pesquisa), respeitando suas transformações, redirecionando a pesquisa no ciclo natural do funcionamento institucional na saúde e educação.

Para além de uma discussão entre pesquisa quantitativa versus qualitativa, a complexidade da realidade demanda tanto pesquisas de cunho qualitativo, principalmente levando em consideração a amplitude na relação que se estabelece entre as pessoas na instituição.

A cartografia se mostrou como uma possibilidade proeminente que possibilitaria uma certa mobilidade em relação às regras e protocolos. A busca das referências foi na obra Mil Platôs de Gilles Deleuze e Felix Guattari, que, apesar de ser um livro – referência para a Esquizoanálise, não se propõe a representar a realidade.

Podemos dizer que a cartografia propõe uma compreensão de acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes e rizomas. São múltiplas as entradas e produções de sentido para a sua experimentação. Do mesmo modo, conforme enunciado no primeiro capítulo, o rizoma também não tem uma estrutura enrijecida sobre a interpretação e tratamento de dados.

Se partirmos da etimologia da palavra: Meta–hodos, que significa caminho pré determinados pelas metas dadas de partida, a cartografia propõe uma reversão desse modelo: hodos-meta: ou seja, apostar na experimentação do pensamento, um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude, configurando-se como uma compreensão ético-política. Apesar de parecer, no presente método proposto, não se abre mão do rigor, mas



o rigor é com os movimentos da vida, a normatividade do vivo, como discute Canguilhem (1997). O que consideramos aqui como precisão não é a exatidão, mas sim, o compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção para provocar mudança social.

A cartografia, como método da pesquisa intervenção, na contribuição da análise institucional, discute a indissociabilidade entre conhecimento e transformação, tanto da realidade quanto do pesquisador. Kastrup, dialogando com Freud e Bergson e a fenomenologia, definem quatro gestos da atenção cartográfica: rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. Todos esses meios são possibilidades de compreensão, que possibilitam formas de acompanhamento da dinâmica viva do ciclo vital. E quando nos referimos aos movimentos institucionais, no grupo, é fundamental compararmos seus movimentos, que nem sempre são lineares ou apenas unidirecionais.

Cartografar, nesse sentido, é acompanhar processos e compreendê-los. Sem se propor a representar objetos, a cartografia reinventa a metodologia de pesquisa, propondo movimentos: funções de dispositivos no método da cartografia, que colaboram na construção da referência, explicitação e transformação da realidade. Na pesquisa-intervenção a inseparabilidade entre conhecer e fazer, e entre pesquisar e intervir deve acompanhar os efeitos do próprio percurso de investigação, sendo necessário transformar para conhecer, e com isso, valorizar a experiência como intervenção. Nesse sentido, existe uma dimensão política da pesquisa, donde decorrem engajamento e implicação tanto de pesquisadores como de pesquisados.

Lourau, autor da análise institucional, desenvolvendo o conceito de sobre implicação, que discute a participação mais humana do pesquisador em relação ao método pesquisador. Essa teoria propõe a intervenção como método, através



dos três l's, instituição, institucionalização, implicação e intervenção. Através desses três conceitos, compreende-se a diferença entre campo de intervenção e campo de análise, numa diversidade de atravessamentos que compõem o campo da pesquisa. Tudo que é dado pelo objeto/ objetivo e pela posição nas relações sociais, na rede institucional.

Esses autores defende o conceito de transversalidade (ultrapassa as direções vertical e horizontal no campo de análise), pois o mundo não é organizável apenas nessas duas direções. Nesse sentido, compreende que os grupos são redes de relações entre relações. A cartografia tem como objetivo o aumento do coeficiente de transversalidade, garantindo comunicação entre os eixos hegemônicos de organização social. Um dos vetores do *socius*, proposto pelos autores, se apresenta como vetor de caotização que gera novos arranjos da realidade: a caosmose. A intervenção, portanto, é um caminho, em que conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo a pretensão à neutralidade ou suposição de um sujeito e de um objeto cognoscente prévio à relação que os liga.

Com esse ponto de vista, pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos: o método reverte seu sentido, dando primado a um caminho que é traçado sem determinações ou prescrições de antemão. Leva-se em consideração a dinâmica de propagação da força potencial que certos fragmentos da realidade trazem consigo e afetam a totalidade. Compreender a realidade estudada é acompanhar seu processo de constituição e de produção, o que requer imersão no plano da experiência.

Baseados no conceito de atenção, para Bergson, define a atenção do cartógrafo, não uma simples seleção de informações, mas detecção de signos e forças circulantes, de pontas do processo em curso. Para detecção e apreensão

de material, requer uma concentração sem focalização, atenção à espreita e encarnada, que toma o mundo como invenção, engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento. Nesse sentido, realismo e construtivismo constituem atitudes investigativas diversas, reveladas, conforme vemos, em diferentes atitudes atencionais. A atenção, portanto, deve pousar em pontos que devem ser questionados pelo aprendiz do cartógrafo.

Freud já dizia sobre a importância de manter a atenção uniformemente suspensa. A seleção do material trazido pelo paciente fixa-se um ponto com clareza participar e negligenciam-se outros. Deve-se, pois, garantir que tudo seja digno de atenção, atenção esta que se desdobra em cuidado e acolhimento. Há necessidade de rastreio, toque, pouso e o reconhecimento atento. O rastreio seria a varredura do campo, acompanhar mudanças de posição. A percepção háptica – movimentos de exploração do campo que visam construir um conhecimento dos objetos a partir do toque e da breve sensação. O estágio do pouso seria uma espécie de zoom, em que o campo de atenção se fecha a um estímulo, mesmo que provisoriamente. Há uma dinâmica da atenção, que possibilita o reconhecimento atento: ou seja, a intersecção entre a percepção e a memória.

A cartografia continua com a coleta de informações, transcrição, publicação da pesquisa. O cartógrafo é guiado pelas qualidades inesperadas e pela virtualidade dos materiais.

Por sim, quando falamos de cartografia, é importante distinguir que se trata de acompanhar processos e não representar objetos. Traz uma discussão epistemológica, em que coloca dois pontos: primeiro, que o conhecimento científico é resultado de práticas concretas, e não abstratas; e segundo, que há um dispositivo que separa sujeito e objeto, operando a hierarquização das invenções na pesquisa.

A cartografia não isola o objeto de suas articulações históricas nem de conexões com o mundo. O objetivo é desenhar a rede de forças à qual o objeto em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e seu movimento permanente. Se espera que o cartógrafo mergulhe nas intensidades do presente para dar voz para afetos que pedem passagem. Cada movimento de pesquisa traz o anterior e se prolonga nos momentos seguintes. O processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente na coleta, análise, discussão de dados e na escrita dos textos.

Entender, para o cartógrafo, é se afetar pelas intensidades buscando expressão, usando-se de dispositivos: conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, posições filosóficas, morais, filantrópicas. São uma espécie de máquinas que fazem ver e falar. Tais dispositivos respondem sempre a uma urgência, que se revela por sua função estratégica ou dominante.

### **CONCLUSÃO: Pensando a pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Saúde**

Nossas discussões sobre a pesquisa em Saúde e educação através da cartografia nos abrem várias possibilidades de atuação e desafios. A discussão ética se mostra necessária para compreendermos a importância de uma postura que não seja meramente neutra e objetiva, nos moldes tradicionais de fazer ciência, mas que problematize o conhecimento que está sendo produzido e seus objetivos. Aqui não nos referimos à ética reguladora e normatizadora, que exige um comportamento a partir de condutas estabelecidas, pois, nesse caso, ao ser forjada de modo heterônomo, ela atua de forma alienante, sem garantir uma

postura ética ao longo da pesquisa, mesmo tendo a chancela oficial. O/a pesquisador/a autônomo deve ser reconhecido, assim como seus interlocutores, como detentores da capacidade de refletir, decidir e agir, assumindo responsabilidade pelos efeitos de suas ideias e atos. Assim, a investigação é um projeto ético, pois se assume a intencionalidade dos atores sociais, o papel estruturante e fundante do trabalho, a importância dos sentidos, das razões e do agir prático do trabalhador além de um claro comprometimento com valores na transformação do mundo real. Do mesmo modo, tal ética também fala de um compromisso como pesquisadores, em relação aos desdobramentos dos modelos de gestão educacional, no sentido de refletir formas de minimizar os impactos na realidade escolar e das instituições de saúde.

Reforçamos que a pesquisa em Saúde e Educação requer uma sintonia entre referencial teórico e objeto/tema de pesquisa: utiliza um determinado recorte sobre os fenômenos a serem analisados. Não é possível uma escolha de métodos e instrumentos de pesquisa baseada em aspectos puramente objetivos e em manuais de metodologia de pesquisa científica. Do mesmo modo, o discurso bastante recorrente da academia que defende a junção, *a priori*, de métodos quantitativos e qualitativos apenas para um complementar o outro também nos parece fazer sentido, a não ser que se pese as intencionalidades, temas, escopo epistemológico e variáveis envolvidas. A interpretação irá explicar a ação elucidando seus sentidos. Para tanto, a construção da relação entre entrevistado e entrevistador é fundamental para se entender as razões dadas pelo outro para explicar seu próprio comportamento. O conhecimento científico deve ser construído a partir da interação e da intersubjetividade, sendo necessário tempo e investimento nessa construção relacional. Apoiados nessa visão, a argumentação

do conhecimento sai do terreno estritamente filosófico e avança para o campo ético-político.

Aliar instrumentos possibilita potencializar a pesquisa nas respostas às novas demandas do campo do trabalho e com o compromisso de intervenções e ações voltadas à promoção da saúde. Os desafios da pesquisa-intervenção ainda seguem e, frente ao novo e precário mundo do trabalho escolar, cada vez mais estratégias metodológicas inovadoras capazes de conhecer e transformar a complexidade são requeridas para a área de estudos sobre educação. Em nosso entendimento, há uma grande necessidade de se avaliar teórica e metodologicamente a ética que subjaz ao processo de coleta de dados.

## REFERÊNCIAS

CINTRA, Amanda Mendes Silva et al. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 45-53, Apr. 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922017000100045&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922017000100045&lng=en&nrm=iso)>. access on 18 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.22409/1984-0292/v29i1/1453>.

CUNHA, Marcela Silva da et al. **O processo de trabalho em equipe e a produção do cuidado em saúde: desafios para a estratégia de saúde da família em Nova Iguaçu, RJ.** 2010. Tese de Doutorado.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. **São Paulo: Ed**, v. 34, n. 1.2011, 1995.

GOMES, Tânia Silva. **Micropolítica do processo de trabalho: o protagonismo dos trabalhadores de saúde no Pacto pela Saúde.** 2010. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2010. doi:10.11606/D.22.2010.tde-04082010-151009. Acesso em: 2019-10-16.

FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz [Org] **Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação.** - Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 174 p. - Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde

FRANCO, TB. As Redes na Micropolítica do Processo de Trabalho in **Gestão em Redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde.** Rio de Janeiro: CEPESCIMS/ UERJ-ABRASCO, 2006.

FRANCO, Túlio Batista; MERHY, Emerson Elias. Mapas analíticos: um olhar sobre a organização e seus processos de trabalho. **Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.**

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

*Recebido: 31/01/2020*

*1ª Revisão: 05/03/2020*

*Aceite final: 05/04/2020*